

## A China Aumenta Investimentos no Brasil

DIVA BENEVIDES PINHO (\*)

A República Popular da China, o gigante de cerca de 1bilhão e meio de habitantes, continua a crescer intensamente e sem ajuda externa, mas suas necessidades de alimentos e de matérias-primas também se multiplicam rapidamente.

O forte aumento demográfico chinês apresenta sérios problemas, entre os quais a crescente migração dos campos para as cidades e a urgência de criação de múltiplos serviços urbanos básicos - saúde, educação, redes de água, saneamento, energia elétrica, transporte, moradia, entre outros.

Aliás, a previsão é de que em 2025 a China tenha cerca de 15 cidades com 25 milhões de habitantes, 20 cidades com mais de 10 milhões e, no mínimo, 20 cidades com uma população superior a 5 milhões.

Daí, a recente intensificação da procura chinesa por matérias-primas no subsolo da África, Ásia e América Latina, o fortalecimento de suas posições na África e na Ásia, e sua expansão nas Américas - porém, segundo uma política con-

ciliatória de defesa de um - mundo harmonioso e multilateral -, sem blocos agressivos, sem confrontação e sem corrida armamentista. E com muita cautela, sem interferir nas políticas locais e regionais,

Na segunda visita do Presidente chinês Hu Jintao ao Brasil, em 2010, foi divulgado um “Plano de Ação Conjunta China-Brasil” para os próximos cinco anos, com a indicação das prioridades de ambos os países.

Antes dessa visita, que sinaliza o aumento da onda de investimentos chineses em nosso País, destacaram-se dois fatos significativos da recente postura de Pequim<sup>1</sup> que promoveram o uso internacional de yuans sem conversão para o dólar: em 2009, a inauguração de uma agência do maior banco comercial da China, o Bank of China, cujos clientes representam a maioria das companhias chinesas interessadas no Brasil e, em março de 2010, a abertura de um escritório na China pela filial brasileira do HSBC com o objetivo de atrair clientes para investir no Brasil.

porque os dirigentes chineses têm consciência de que precisam de amigos, paz e tempo para cumprir seu plano de rápido desenvolvimento econômico no quadro de uma complexa combinação de Estado socialista autoritário e concorrência capitalista. Para repetir Wen Jiabao, primeiro ministro da China, os chineses precisam nadar depressa, mas sem fazer ondas.

Assim, na prática, a China afasta a oposição internacional, abre suas

portas às empresas multinacionais e estrangeiras que queiram investir no mercado mais promissor do mundo e acalma o gigante norte-americano com o financiamento de sua dívida pública. E conse-

gue diminuir os questionamentos sobre a atual política econômica de Hu Jintao, que utiliza o capital de um Estado *capitalista autoritário de resultados (Consenso de Pequim)*, depois de um longo período de *-socialismo de mercado-*, sob a direção de Deng Xiaoping.

Aliás, os produtos chineses já se incorporaram à vida cotidiana da maioria

dos países, independentemente de qualquer sistema econômico e político, devido ao atrativo de sua grande variedade (brinquedos, calçados, roupas, material de escritório, pratos, talheres e uma infinidade de bugigangas) e de seus preços muito competitivos, embora muitas vezes de qualidade questionável e design próximo de caras marcas consagradas.

E apesar da atual melhora da qualidade dos produtos e do uso de tec-

nologia avançada, a China consegue manter preços competitivos e a “inspiração” em marcas famosas: exporta aparelhos de som, televisores, computadores, motos, carros, celulares, equipamentos pesados, roupas finas e vários outros produtos de alta qualidade.

O Brasil torna-se, então, um parceiro estratégico da China e não apenas um mercado para seus produtos de baixo custo. Isto significa muitas possibilidades de aplicação do excedente acumulado da China em múltiplos investimentos, tanto agora como em futuro próximo, tais como rodovias, portos, energia elétrica, metrô, trem-bala Rio Janeiro-São Paulo, obras para a Copa de 2014 e Olimpíada de 2016.

Se há dificuldades devido às grandes diferenças culturais, há também facilidades da legislação brasileira pouco restritiva a investimentos de empresas estrangeiras, mesmo quando controladas por governos autoritários.

E assim, a China emerge como um novo modelo econômico em que as empresas e o governo são o mesmo conjunto, ou uma simbiose que lhes dá maior poder em comparação com as empresas estrangeiras, inclusive as grandes corporações americanas. A grande diferença, porém, é que os objetivos estratégicos chineses de longo prazo nem sempre respeitam as lógicas do mercado de negociar com empresários que buscam o melhor valor para seus investimentos no curto prazo.

Então, pode-se supor que não será fácil a execução do – Plano de Ação Conjunta China-Brasil, assinado neste ano de 2010. Muitas discussões serão necessárias para o cumprimento das prioridades do relacionamento de ambos os países nos próximos cinco anos.

Além das diferenças de língua, cultura e sistemas legais, os chineses são conhecidos pela lentidão para fechar contratos e pelo pragmatismo sem ideologia. Habilmente vão conquistando o mundo para fazer negócios e não para impor seu modo de vida.

Aumenta, também, o interesse acadêmico brasileiro pelo estudo do modelo chinês, com destaque para o Centro de Estudos Brasileiros na CASS (Academia Chinesa de Ciências Sociais), o Instituto de Estudos Latino-americanos do CICIR, Institutos Chineses de Relações Internacionais Contemporâneas, com programa de intercâmbio no Brasil.

Em nível superior estão surgindo pesquisas que incluem a China, tais como o Grupo de Estudos sobre os Brics (Brasil, Rússia, Índia e China), na Unesp-Marília, cujos professores (principalmente de Economia e Relações Internacionais) abordam também o modelo chinês; o Grupo de Estudos da Ásia-Pacífico (Geap) da PUC/SP, criado em 2003, que conta desde 2006 com um Centro de Estudos da China; o Centro de Estudos Afro-asiáticos da Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, com um programa de

estudos China-Ásia Pacífico. Há também o Instituto Confúcio, patrocinado pelo governo chinês na UnB e na Unesp (em parceria com a Universidade de Hubei, na China).

Multiplicam-se, recentemente, cursos de mandarim na USP, UFMG, Universidade Regional de Blumenau, PUC do Rio Grande do Sul, Universidade Estadual de Maringá, Anhembi/Morumbi (SP), entre outras.

Diante da realidade da expansão dos investimentos da China no Brasil, das perspectivas de incremento das relações econômicas China-Brasil e do crescente interesse do empresariado brasileiro pelo comércio com a China, será importante a formação de especialistas brasileiros. São urgentes, portanto, a criação de centros acadêmicos de pesquisas e a multiplicação de disciplinas dedicadas ao estudo da cultura e da economia chinesas.

1 Além de defender a liquidação de operações comerciais em yuans, as autoridades chinesas preocupam-se com a cotação do dólar, já que a China tem o maior volume de reservas internacionais do mundo em dólares (US\$ 2,27 trilhões, dos quais pelo menos US\$ 800 bilhões investidos em títulos do Tesouro dos Estados Unidos e cerca de US\$ 700 bilhões em ativos denominados em dólares) - patrimônio que corre o risco de se desvalorizar em um cenário de queda livre do dólar.

(\*) Professora Emérita da FEA-USP,  
economista e advogada.  
(E-mail: [divabenevidespinho@gmail.com](mailto:divabenevidespinho@gmail.com)).